

QUEM É, O QUE PENSA, E O QUE PODEMOS  
ESPERAR DE ROBERT PREVOST

# LEÃO XIV

PREFÁCIO  
P. PAULO DUARTE, SJ

A BIOGRAFIA  
MAIS COMPLETA

Inclui caderno  
de fotos



MARIO ESCOBAR

Autor bestseller de *A Vida de Francisco*

nascente

*Aos homens e às mulheres que procuram a paz  
num mundo tão turbulento*

A paz esteja com todos vós!<sup>1</sup>

Deus ama-nos, Deus ama-vos a todos, e o mal não prevalecerá!<sup>2</sup>

Convosco sou cristão e para vós sou bispo.<sup>3</sup>

O bispo não deve ser um príncipezinho sentado no seu reino, mas sentir-se autenticamente chamado a ser humilde, próximo das pessoas que serve, a caminhar com elas, a sofrer com elas e a procurar formas de viver melhor a mensagem do Evangelho no meio do seu povo.<sup>4</sup>

A prioridade é comunicar a beleza da fé, a beleza e a alegria de conhecer Jesus.<sup>5</sup>

LEÃO XIV

# Índice

---

Prefácio .....	9
Introdução .....	15

## PRIMEIRA PARTE

### O PAPA PROFETIZADO

1. A criança da profecia .....	25
2. Vocação e formação .....	31
3. O Peru no coração .....	35
4. A ascensão .....	43
5. Porquê ele? .....	51

## SEGUNDA PARTE

### O PONTIFICADO E A SUA VISÃO

6. Pensamento e espiritualidade .....	57
7. Relações com os papas anteriores .....	69
8. O legado de Francisco: últimos anos e preparação da sucessão .....	79
9. O conclave de 2025: ambiente, tensões, eleição e nome escolhido .....	91

TERCEIRA PARTE  
OS DESAFIOS DO NOVO PAPA

10. O primeiro papa de origem norte-americana .....	113
11. O homem que constrói pontes .....	129
12. O papa em face da modernidade.....	145
13. Desafios internos .....	161
14. O carácter do papa .....	179
Conclusão.....	191
Reflexão final sobre o pontificado e o seu papel global.....	195
Anexos .....	199
As ideias do novo papa em dez frases.....	199
Obras do papa Leão XIV .....	202
Cargos eclesiásticos antes de ser nomeado papa.....	203
Cronologia.....	205
Bibliografia.....	207
Notas.....	209
Créditos fotográficos.....	223

## Prefácio

---

*A paz esteja com todos vós!*

Foi com estas palavras que Leão XIV se apresentou publicamente como papa. É como me faz sentido começar este prefácio da sua nova biografia — pela paz, não se remetendo a uma qualquer, ao jeito de um não conflito. É a paz da plenitude maior, que evoca o *shalom* hebraico, a bênção de quem deseja e quer estar bem consigo mesmo, com o outro e com Deus. Foi o que senti quando o papa Leão XIV apareceu na varanda da Basílica de São Pedro e é o que sinto de cada vez que o vejo e escuto: serena paz que me impele a ser ainda mais pacificado e pacificador.

Para quem vive no seu quotidiano sem saber muito dos meandros do Vaticano, no dia 8 de maio surpreendeu-se com o anúncio do nome de Robert Francis Prevost, cardeal norte-americano, como papa Leão XIV. Numa altura de muita comunicação, até com ruído comunicativo, raramente surgiu este nome como possível papa. No entanto, ao entrarmos na leitura desta biografia assinada por Mario Escobar, com o seu olhar jornalístico, já mais atento e com conhecimento do que se passa no Vaticano, deixa de ser, afinal, uma surpresa.

Que, de algum modo, se confirmou com a rapidez com que foi eleito. O mundo, em todas as suas dimensões, necessita de paz. E os cardeais, em silêncio e à escuta do Espírito, perceberam que em Robert Prevost habitavam a experiência, existencial e pastoral, e a serenidade necessárias para assumir a liderança espiritual da Igreja Católica.

É certa, como encontraremos neste livro, a muita vontade para saber o modo de pensar ou de agir do novo papa sobre os mais variados temas, sobretudo os que se consideram fraturantes dentro e fora da Igreja. No entanto, havendo em Leão XIV a sabedoria da experiência de situações exigentes, está a dar-se tempo de assumir e integrar este cargo com tanto significado. Numa recente audiência, teve esta delicadeza com toque de humor: «Antes de continuar com as observações formais, gostaria apenas de pedir desculpa pelo meu atraso e também de pedir a vossa paciência. Ainda não passou um mês desde que assumi o novo cargo, por isso, há ainda muito para aprender.»\* Parece-me que é isto o fundamental de momento — a aprendizagem de ser líder desta grande instituição com tanto impacto no mundo.

Também aqui nos aponta caminho. Na velocidade com que tudo se agita na atualidade, é preciso continuar a ser testemunho de ponderação. As decisões importantes devem ser consideradas onde habita o silêncio que dá espaço à averiguação do todo possível. A Igreja não é só das grandes cidades ou dos grandes centros de poder, também tem muitas periferias a tantos níveis. À semelhança de Francisco, o papa Leão XIV é um homem de oração e recolhimento; tanto na sua história com ascendência migrante, como missionário pelo Peru e prior-geral dos agostinianos, como com cargos importantes no

---

\* Leão XIV, <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/june/documents/20250607-simposio-nicea.html>

Vaticano e participante do sínodo sobre a sinodalidade, viajou por muitas realidades da Igreja, conhecendo e escutando distintas perspectivas; e também com a sua formação científica aliada à teológica, em especial de direito canônico, tem consciência de que a complexidade da realidade é grande. Acrescida com todos os avanços tecnológicos, nomeadamente da inteligência artificial. Por isso, é necessário saber escutar e ter igualmente paz interior para discernir a vontade de Deus e tomar as decisões que atendem à unidade e à comunhão.

Enquanto escrevo estas linhas, passou cerca de mês e meio da sua eleição. Em pleno Jubileu da Esperança, as suas palavras, em homilias e discursos, têm sido direcionadas à promoção da comunhão com Deus e com os outros, recordando, por exemplo, que «a alegria de Deus não é ruidosa, mas muda verdadeiramente a História, aproximando-nos uns dos outros».\* A sua missão primeira, já patente no seu lema *In Illo uno unum*, «Num só, somos um», é a de contribuir para que a humanidade, em geral, e a Igreja, em particular, vivam a unidade e a paz.

Tal só pode vir de alguém que se sabe profundamente humano, a partir das suas capacidades e limites. Recordo a imensidão do sentir transmitida desde o olhar comovido na sua primeira aparição como papa. Também na missa de tomada de posse, em que, além da comoção que lhe habitava, olhava o anel do pescador com grande sentido de recolhimento e de responsabilidade. Não há frieza, não há distância, há afeto ordenado e consciente, reconhecendo a fragilidade presente diante de um cargo que pede o cuidado e atenção, à semelhança de Cristo, pela humanidade.

---

\* \_\_\_\_, <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/homilies/2025/documents/20250531-ordinazioni-presbiterali.html>

É um grande testemunho de liderança. Não se trata de poder, mas de serviço. O líder com arrogância de poder, não vendo o outro como alguém de dignidade e usando-o para seu benefício, vive em desumanidade. Leão XIV, neste breve espaço de tempo como papa, tem mostrado habitar-se de coração trespassado, à semelhança de Cristo. Ele quer contar com o povo de Deus, na colaboração de todos os cristãos e cristãs, em conjunto com todos os homens e mulheres de boa vontade, com as suas alegrias e tristezas, angústias e esperanças, a tornar este mundo, que infelizmente cresce em tensão e conflitos, mais humano e pacificado.

Lendo esta biografia, conhecer-se-á um pouco mais sobre este homem buscador de paz que, no *Angelus* do dia do bombardeamento do Irão por parte dos Estados Unidos, exortou: «Hoje, mais do que nunca, a humanidade grita e implora paz. É um grito que reclama responsabilidade e sensatez, e que não deve ser abafado pelo fragor das armas e pelas palavras retóricas que incitam ao conflito. Cada membro da comunidade internacional tem uma responsabilidade moral: travar a tragédia da guerra antes que ela se transforme num abismo irreparável. Quando está em causa a dignidade humana, não há conflitos “distantes”. A guerra não resolve os problemas, antes amplifica-os e produz na história dos povos feridas profundas, que para sarar levam gerações. Nenhuma vitória armada poderá compensar a dor das mães nem o medo das crianças nem o futuro roubado. Que a diplomacia faça silenciar as armas! E que as nações desenhem o seu futuro não com violência e conflitos sangrentos, mas com obras de paz!»\*

Nem toda a gente terá a sua biografia publicada, no entanto, inspirados pela vida do papa Leão XIV, poderemos ser,

---

\* \_\_\_\_, <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/angelus/2025/documents/20250622-angelus.html>

no silêncio, na simplicidade do cotidiano e na relação com os outros, pessoas melhores. E no acolhimento dos desafios da vida, sermos como sal que se dissolve a dar sabor e luz que ilumina zonas sombrias da existência, dando os nossos contributos de humanidade, comunhão e paz.

PAULO DUARTE, SJ

## Introdução

---

Não têm paralelo a solenidade e majestade dos cento e trinta e três cardeais que desfilam desde a Capela Paulina, sob os impressionantes frescos de Miguel Ângelo, nos seus imponentes hábitos talares de um vermelho escarlate ardente, a mozeta a envolver-lhes os ombros e a esconder-lhes parcialmente as vestes brancas, cabeças cobertas com solidéus da mesma cor, passando pela Sala Régia e avançando até à mais bela capela jamais criada pelo Homem, a Capela Sistina, que faz lembrar a muitos o Paraíso perdido, para se encerrarem voluntariamente por tempo indeterminado com o único objetivo de dar um novo papa à Igreja de Roma. Os príncipes da Igreja reúnem-se sob o mesmo teto, aguardando a inspiração do Espírito Santo, para eleger um dos homens mais poderosos da Terra, vigário de Cristo, bispo de Roma e sumo pontífice da Igreja Universal, enquanto o mundo assiste, extasiado, a ritos com milhares de anos, mas que permanecem misteriosos e apelativos.

Enquanto os cardeais caminham rumo à Sistina, entoam o *Veni Creator*, uma litania que invoca a intervenção do Espírito Santo e que faz ressoar a capela com cânticos solenes:

*Veni, Creator Spiritus,  
mentes tuorum visita,  
imple superna gratia,  
quae tu creasti, pectora*<sup>6</sup>

A guarda suíça permanece vigilante, à porta, nas suas fardas coloridas concebidas por Jules Répond, embora a lenda as atribua ao próprio Miguel Ângelo.

Quando os cardeais tomarem os seus lugares, um a um, tentarão respeitar as regras estritas do conclave, nomeadamente a de cumprir o mandato milenar de Pedro, o primeiro papa de Roma, se forem eleitos, e a de não revelar os segredos de uma das eleições mais misteriosas do mundo.

Terminada a cerimónia dos juramentos, quando o cheiro do incenso se dissipa e as vozes se silenciam lentamente, o mestre das Celebrações Litúrgicas Pontificias, Diego Giovanni Ravelli,<sup>7</sup> exclama em latim: *Extra omnes!* Nesse momento, as portas fecham-se com um som forte, e os cento e trinta e três cardeais ficam isolados do mundo exterior para dar início às suas deliberações. Não estão autorizados a ter consigo telemóveis ou aparelhos eletrónicos. O mundo deve ignorar por completo as suas deliberações e esperar pacientemente pelo anúncio de um novo papa.

A Cidade do Vaticano parece estar afastada dos assuntos mundanos. Há mais de quinhentos anos que os papas vivem entre os jardins e a complexa rede de palácios, capelas e corredores secretos. A agitada cidade de Roma, com quase três mil anos de história, onde a azáfama, o som das buzinas e as vozes dos italianos contrastam com o silêncio das salas do Vaticano, não consegue penetrar nas belas salas decoradas pelos artistas mais importantes do mundo. Cinco mil jornalistas — menos mil do que no conclave anterior — aguardam impacientemente a notícia; sabem

que a nomeação de um novo papa é o acontecimento mais importante em quase uma década.

Os fiéis, os turistas e a imprensa olham para o céu sobre a Cidade Eterna, não para contemplar as nuvens que atravessam a tarde clara de primavera, mas para tentar ser os primeiros a ver o tão esperado fumo branco que sai de uma chaminé da Capela Sistina e serpenteia pelos telhados até se dissipar por completo. A multidão na Praça de São Pedro cresce, como se a comunidade católica estivesse a celebrar um dos acontecimentos mais importantes da sua fé. Religiosos de todos os quadrantes, freiras, leigos, famílias inteiras com os filhos aos ombros, bem como cadeias de televisão e de rádio e jornais de todo o mundo aguardam com um misto de ansiedade e expectativa a revelação do novo papa na varanda principal. Já se encontram aí instaladas as enormes cortinas vermelhas, cobriram-se as colunas e o brasão de Pedro foi colocado sobre um fundo branco, com as chaves douradas do céu estampadas, mas, quando o fumo finalmente sai branco e o povo começa a gritar *Habemus papam!*, o eleito retira-se por alguns momentos para a famosa Sala das Lágrimas, onde se ajoelha perante Deus, receoso da imensa tarefa que Ele lhe confiou. A expectativa continua a crescer, enquanto os romanos acorrem à praça para verem aparecer o ducentésimo sexagésimo sétimo papa eleito em Roma. A cidade assistiu à passagem de imperadores, ao saque dos povos germânicos, ao governo temporário dos papas, eternamente ameaçada por turcos, por normandos, pelos vários impérios cristãos, à proclamação da Nova Itália, à ascensão do fascismo, à ocupação nazi, à libertação pelos Aliados e à República, mas o facto imutável é que, desde o início da Era Cristã, um papa se senta na cadeira de Pedro. Depois de uma hora de espera, que para muitos fiéis e para a imprensa parece interminável, as câmaras de

meio mundo apontam para a varanda, até o cardeal protodiácono Dominique Mamberti aparecer para anunciar o nome do novo papa:

— *Annuntio vobis gaudium magnum: habemus papam.*<sup>8</sup>

O povo sustém a respiração e, quando o cardeal protodiácono pronuncia o nome adotado pelo novo papa e o seu verdadeiro nome, a expectativa é cada vez maior — as pessoas não aguentam mais e querem ver o rosto do homem que vai liderar a maior Igreja do mundo.

Decorridos alguns minutos, a cortina abre-se novamente para revelar o novo papa, que saúda a Igreja Católica em todo o mundo. O novo papa levanta a voz e proclama a bênção *Urbi et Orbi*. Enquanto meio mundo observa o rosto do novo papa nos ecrãs de televisão e dos computadores, o clamor na Praça de São Pedro é ensurdecedor.

O novo papa, ao contrário do anterior, que surgiu na varanda com um hábito branco e uma cruz simples, surge envergando as vestes do seu novo estatuto. A batina branca como símbolo de pureza, paz, amor e ressurreição, as virtudes que um novo pontífice deve cumprir; a estola de veludo cor de vinho com bordados dourados, a simbolizar o seu ofício pastoral; o solidéu branco na cabeça, a anunciar que a glória pertence apenas a Deus; e o anel do pescador com o seu nome gravado, a representar a autoridade papal. Ao pescoço, a cruz dourada com cinco relíquias de santos e beatos agostinianos.<sup>9</sup> Desta forma, o novo papa<sup>10</sup> pretende distanciar-se dos modos do papa Francisco.

Leão XIV, o cardeal Robert Francis Prevost, com os braços erguidos, palmas das mãos abertas para a multidão, um ricto nervoso nos lábios e olhos lacrimejantes, pronuncia as suas primeiras palavras; a Praça de São Pedro cala-se subitamente, na expectativa de ouvir este homem quase totalmente desconhecido e de quem quase ninguém falava:

*A paz esteja com todos vós!*

Caríssimos irmãos e irmãs, esta é a primeira saudação de Cristo Ressuscitado, o Bom Pastor, que deu a vida pelo rebanho de Deus. Também eu gostaria que esta saudação de paz entrasse no vosso coração, chegasse às vossas famílias, a todas as pessoas, onde quer que se encontrem, a todos os povos, a toda a terra. A paz esteja convosco!

Esta é a paz de Cristo Ressuscitado, uma paz desarmada e uma paz que desarma, que é humilde e perseverante. Que vem de Deus, do Deus que nos ama a todos incondicionalmente. Conservamos ainda nos nossos ouvidos aquela voz fraca, mas sempre corajosa, do papa Francisco que abençoava Roma.

O papa que, naquela manhã de Páscoa, abençoava Roma e dava a sua bênção ao mundo inteiro. Permitti-me que dê prosseguimento àquela mesma bênção: Deus ama-nos, Deus ama-vos a todos, e o mal não prevalecerá! Estamos todos nas mãos de Deus.

Portanto, sem medo, unidos de mãos dadas com Deus e uns com os outros, sigamos em frente! Somos discípulos de Cristo. Cristo vai à nossa frente. O mundo precisa da sua luz. A humanidade precisa d'Ele como ponte para poder ser alcançada por Deus e pelo seu amor.

Ajudai-nos também vós e, depois, ajudai-vos uns aos outros a construir pontes, com o diálogo, o encontro, unindo-nos todos para sermos um só povo sempre em paz.

Obrigado, papa Francisco! Quero também agradecer a todos os meus irmãos cardeais que me escolheram para ser o Sucessor de Pedro e para caminhar convosco, como Igreja unida, procurando sempre a paz, a justiça, esforçando-nos sempre por trabalhar como homens e mulheres fiéis a Jesus Cristo, sem medo, para anunciarmos o Evangelho, para sermos missionários.

Sou agostiniano, um filho de Santo Agostinho, que dizia: «Convosco sou cristão e para vós sou bispo.» Neste sentido, podemos caminhar todos juntos em direção à pátria que Deus nos preparou.

Uma saudação especial à Igreja de Roma! Devemos procurar juntos o modo de ser uma Igreja missionária, uma Igreja que constrói pontes, que constrói o diálogo, sempre aberta para acolher a todos, como esta praça, de braços abertos, a todos aqueles que precisam da nossa caridade, da nossa presença, de diálogo e de amor.

[No original, em espanhol] E se me permitem uma palavra, uma saudação a todos e especialmente à minha querida diocese de Chiclayo, no Peru, onde um povo fiel acompanhou o seu bispo, partilhou a sua fé e deu tanto, tanto, para continuar a ser uma Igreja fiel a Jesus Cristo.

A todos vós, irmãos e irmãs de Roma, da Itália, de todo o mundo: queremos ser uma Igreja sinodal, uma Igreja que caminha, uma Igreja que procura sempre a paz, que procura sempre a caridade, que procura sempre estar próxima, sobretudo dos que sofrem.

Hoje é o dia da Súplica a Nossa Senhora do Rosário de Pompeia. A nossa Mãe, Maria, quer sempre caminhar connosco, estar perto, ajudar-nos com a sua intercessão e o seu amor. Gostaria, por isso, de rezar convosco. Rezemos juntos por esta nova missão, por toda a Igreja, pela paz no mundo e peçamos a Maria, nossa Mãe, esta graça especial: Ave Maria.<sup>11</sup>

O papa Leão XIV era desconhecido para a maioria dos católicos e para o resto dos habitantes do nosso planeta, pelo que surgem muitas dúvidas, perguntas e incógnitas sobre o futuro da maior e mais universal Igreja do mundo. Será o papa Leão XIV capaz de abrir realmente a Igreja Católica ao

século XXI? Será o novo papa o primeiro a autorizar o casamento dos padres? Manterá o papa Leão XIV o seu compromisso para com os pobres, tal como fez durante o seu ministério no Peru? Conseguirá anunciar uma Igreja mais pluralista e menos eurocêntrica? Conseguirá revitalizar a Igreja ocidental, que tem vindo a perder fiéis desde os anos de 1970? Como contribuirá para promover a paz num mundo com tantos conflitos abertos e uma polarização crescente? Qual será a sua atitude face às novas identidades de género? Será capaz de atrair os jovens de volta às igrejas? Ultrapassará a crise de vocações? Permitirá um avanço no papel da mulher na Igreja? Convocará um novo concílio para efetuar mudanças e conseguirá transformar a imagem que muitos países têm da Igreja de Roma como uma instituição ultrapassada, anacrónica e piramidal?

Para responder a estas e a outras questões, procuraremos compreender a fundo a figura de um dos homens mais poderosos da atualidade, que terá de lidar com um mundo em mudança, o qual parece andar à deriva, sem rumo, no meio de uma crise de liderança política e moral.

A história de Robert Francis Prevost, o primeiro papa norte-americano e o segundo das Américas, permitir-nos-á aprofundar as influências, os pensamentos e as ideias que o conduziram à sua posição atual, a sua formação como membro da Ordem dos Agostinianos, as diferentes instituições em que estudou e a sua licenciatura em Ciências Matemáticas. O papa Leão XIV, que já expressou o seu compromisso com o ecumenismo e a necessidade de «construir pontes»,<sup>12</sup> parece seguir a linha do anterior pontífice Francisco em relação a outras confissões — o seu diálogo com religiões diferentes e a sua vontade de ajudar os necessitados e de estar ao lado da classe trabalhadora marcarão, sem dúvida, o quarto pontificado do século XXI e do terceiro milénio da Era Cristã.

As primeiras declarações do novo papa Leão XIV não deixam dúvidas quanto às suas intenções e ao que o levou a adotar o seu nome:

Justamente por me sentir chamado a seguir nessa linha, pensei em adotar o nome de Leão XIV. Na verdade, são várias as razões, mas a principal é a de o papa Leão XIII, com a histórica encíclica *Rerum novarum*, ter abordado a questão social no contexto da primeira grande revolução industrial; e hoje a Igreja oferece a todos a riqueza da sua doutrina social para responder a outra revolução industrial e aos desenvolvimentos da inteligência artificial, que trazem novos desafios para a defesa da dignidade humana, da justiça e do trabalho.<sup>13</sup>

Será Leão XIV o papa da nova revolução industrial da inteligência artificial? E conseguirá trazer de novo a questão social para o debate na Igreja Católica e no mundo?

PRIMEIRA PARTE

---

# O PAPA PROFETIZADO

---

## A criança da profecia

Quando eu frequentava o primeiro ano de escolaridade, uma mulher que vivia do outro lado da rua onde costumávamos brincar com os outros miúdos e uma que vivia mais abaixo, na mesma rua, disseram que eu seria o primeiro papa dos Estados Unidos. Disseram-no quando eu andava no primeiro ano de escolaridade.<sup>14</sup>

### INFÂNCIA EM CHICAGO

A antiga paróquia de Nossa Senhora da Assunção, situada no extremo sul de Chicago, perto de Dolton, era o ponto de encontro das famílias católicas da zona. Na década de 1950, um jovem casal havia-se mudado para a zona sul de Chicago apenas um ano antes. Queriam viver numa zona suburbana para criar os seus futuros filhos. As únicas características que Louis Marius Prevost e Mildred Agnes Martinez tinham em comum eram a sua fé católica e o seu amor pela Igreja.

Louis Marius Prevost era descendente de italianos pelo lado paterno, mas a mãe era francesa. Ambos haviam emigrado para os Estados Unidos no início do século xx, tendo-se conhecido em Chicago. Jean Prevost, o avô do atual papa Leão XIV, era professor de Línguas Românicas, e a sua avó era doméstica.

Louis Marius Prevost licenciou-se na Central YMCA College e alistou-se como oficial na Marinha dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Corria o ano de 1943, e a vitória dos Aliados na guerra era ainda incerta. Participou em várias batalhas no Mediterrâneo e esteve entre os soldados norte-americanos que combateram na costa da Normandia. Foi um dos oficiais responsáveis pelos desembarques de tanques.

A 6 de junho de 1944, desembarcou com um grupo de fuzileiros sob fogo inimigo, tendo sido promovido a segundo-tenente. Participou também na operação militar no sul de França conhecida como «Operação Dragão».

A mãe do atual papa, Mildred Agnes Martinez, provinha de uma família crioula que se mudara de Nova Orleães para Chicago, mas que tinha ascendência em vários países. Era filha de Joseph Norval Martinez e Louise Baquie. Joseph nascera no Haiti, sendo fabricante de charutos, e, de acordo com a sua certidão de nascimento, era afro-americano. Louise Baquie provinha de uma família crioula de ascendência espanhola, francesa e africana, oriunda do Seventh Ward de Nova Orleães, no estado de Luisiana.

Pouco depois de se mudar de Nova Orleães para Chicago, a família conheceu um novo membro, Mildred, a mãe do atual papa, que nasceu a 4 de fevereiro de 1912 e foi batizada na catedral. Estudou Biotecnologia na Universidade DePaul e licenciou-se em 1947.

Os pais conheceram-se numa igreja e casaram-se a 25 de janeiro de 1949. A guerra terminara havia anos, mas algumas das suas consequências ainda eram visíveis na sociedade norte-americana. Louis conseguiu encontrar um bom emprego como superintendente do agrupamento escolar de Brookwood, em Glenwood, Illinois. Quanto a Mildred, era bibliotecária e participava ativamente nas atividades paroquiais. Ambos os elementos do casal eram catequistas.

Vieram então os filhos, primeiro Louis Martin Prevost, o irmão mais velho, e depois John Joseph Prevost, que nasceu dois anos antes do atual papa.

Nos anos de 1950, era normal as famílias frequentarem os serviços religiosos, mas os Prevost revelavam-se particularmente empenhados. A igreja de Nossa Senhora da Assunção fora fundada em 1886, mas, em 1917, as dependências haviam sido alargadas com a construção de uma capela maior e de uma escola. A igreja foi criada por trinta famílias católicas de origem alemã, provenientes sobretudo da indústria ferroviária, que solicitaram ao arcebispado a criação de uma paróquia no bairro de Riverdale.

O papa Leão XIV cresceu no novo edifício, concluído em 1957, onde foi acólito e membro do coro. Tal como os irmãos, também ele estudou na escola paroquial.

Mildred foi presidente da Sociedade do Altar e do Rosário, participou no coro e fundou a biblioteca paroquial. O marido, Louis, era catequista e ensinava a doutrina a jovens e adultos. Foi ele quem ensinou os rudimentos da fé aos filhos.

Os três irmãos eram acólitos e coralistas; podiam ir a pé para a igreja a partir de sua casa, a qual se encontrava a escasos quarteirões.

Nas décadas de 1950 e 1960, a comunidade viveu um dos seus melhores momentos, e os paroquianos estavam envolvidos numa multiplicidade de atividades.

Os primeiros anos do atual papa foram passados na vida tranquila dos subúrbios, numa casa de classe média.

Quando Robert Francis Prevost nasceu, a 14 de setembro de 1955, a Guerra Fria encontrava-se no seu auge, o Pacto de Varsóvia acabara de ser assinado, a Guerra do Vietname deflagrara havia pouco, a Argélia estava a conquistar a independência de França e, embora a guerra no Canadá já tivesse terminado, deixara uma marca profunda na sociedade norte-americana. Na América Latina, as ditaduras oprimiam e empobreciam a maior parte da população, enquanto nos Estados Unidos emergia o movimento dos direitos civis dos negros. A detenção de Rosa Parks, em Montgomery, por se ter recusado a ceder o lugar num autocarro desencadeou um movimento de resistência civil como nunca se vira no sul dos Estados Unidos. Entretanto, a sociedade de consumo estava no seu auge, e o *rock and roll* começava a ser ouvido na rádio.

Todos chamavam Bob ao filho mais novo dos Prevost. E muitos antecipavam a sua vocação precoce para os assuntos relacionados com Deus.

Antes de entrar para a escola primária, segundo o seu irmão John, Robert anunciara que queria ser padre. Utilizava a tábua de engomar como altar e as bolachas *Necco* como hóstias consagradas.<sup>15</sup>

Um dos colegas da escola de Nossa Senhora da Assunção chamava-lhe *holy*, «santo»,<sup>16</sup> em virtude da sua natureza amável e tranquila. Revelou sempre ser um jovem mais maduro do que os outros e nunca um desordeiro, nem quando era adolescente.

O facto mais incrível destes primeiros anos vem do seu irmão John, quando nos conta que umas mulheres do bairro lhe disseram, quando ele frequentava o primeiro ano, ou seja, com cerca de seis anos, que seria o primeiro papa norte-americano.<sup>17</sup>

Alcançada a adolescência, a sua vocação religiosa cresceu em vez de diminuir, até que decidiu entrar no Seminário Menor de Santo Agostinho, no Michigan, em 1969, com catorze anos.

## O SEMINÁRIO MENOR DE SANTO AGOSTINHO

Robert chegou ao Seminário Menor de Santo Agostinho em Holland, no Michigan, aos catorze anos. Deve ter sido difícil para ele abandonar a família e os amigos para embarcar nessa aventura de fé. A escola, que fechou em 1977, ficava à beira do lago e tinha uma vista espetacular, mas era um lugar solitário para um adolescente no auge da sua juventude.

No início dos anos de 1970, todos no seminário se conheciam, o qual funcionava como uma pequena família. As salas de aula já não estavam tão cheias como nas duas décadas anteriores. Por isso, é natural que os colegas o recordem bem. O jovem Prevost destacou-se imediatamente pela sua excelência académica e capacidade de liderança. Tornou-se chefe de redação do anuário da escola, vice-presidente do conselho de estudantes e delegado de turma durante o seu último ano de escolaridade, em 1973.

Bob, como os amigos lhe chamavam, parecia incansável. Estava também envolvido noutras atividades, como o clube missionário, o clube da biblioteca, o coro e o teatro de leitores.

Continuava a ser o mesmo rapaz educado que nunca dava problemas. Os colegas descrevem-no como gentil, inteligente e sempre pronto a ajudar toda a gente.<sup>18</sup>

O padre Beckett Franks, um monge beneditino, cruzou-se com ele durante o seu último período no seminário. Referiu que a escola era pequena: apenas cerca de sessenta e cinco pessoas a frequentavam.

Bob era muito inteligente, intervinha em todos os assuntos e parecia saber tudo, de tal forma que os colegas de turma depressa se tornaram os seus primeiros admiradores.

O jovem seminarista dominou o francês em apenas dois anos e ajudava os colegas de turma com a matemática. Rapidamente se espalhou a ideia de que quem não sabia algo e precisava de ajuda ou conselhos deveria procurar o Bob.

Mais tarde, tornou-se membro da Sociedade Nacional de Honra de Santo Agostinho e senador do Congresso de Estudantes de Lansing, mas, apesar desta posição de destaque, não despertava invejas. Não era o sabichão típico, tinha sentido de humor, gostava de piadas e parecia sempre calmo e simpático. Alguns achavam-no um pouco irónico, mas sempre com discrição e um sorriso nos lábios.

Franks visitou-o anos mais tarde, e Bob cumprimentou-o com um sorriso e apresentou-o ao núncio. O cargo não lhe subira à cabeça, continuando a ser uma pessoa humilde e acessível. O monge beneditino descreveu-o como um homem humilde, direto, terra a terra e alguém que defendia a doutrina social da Igreja, especialmente os imigrantes e os trabalhadores.<sup>19</sup>

Durante o tempo que passou no seminário, aprendeu a viver em comunidade e a dar importância à oração e ao estudo. Também aprendeu a trabalhar com as mãos e a ser, tanto quanto possível, autossuficiente, o que ia da recolha de produtos da horta à produção de xarope de ácer.

Em 1973, depois de ter concluído os estudos com êxito, licenciou-se e continuou a sua formação académica na Universidade Villanova.

**«Os cardeais, em silêncio e à escuta do Espírito, perceberam que em Robert Prevost habitavam a experiência, existencial e pastoral, e a serenidade necessárias para assumir a liderança espiritual da Igreja Católica.»**

Padre Paulo Duarte, *in* prefácio

No dia 21 de abril de 2025, o mundo despediu-se do Papa Francisco — uma figura marcante que deixou um legado de reformas ousadas e uma mensagem duradoura de esperança. A eleição de um cardeal norte-americano com uma voz firme pela justiça social e pela defesa do meio ambiente surpreendeu o mundo.

*Leão XIV* é um retrato lúcido e revelador do novo pontífice e dos desafios que a Igreja Católica enfrenta no século XXI: a crise de fé no Ocidente, as tensões doutrinárias internas, a relação com as novas gerações e as questões sociais mais prementes.

Com uma escrita envolvente, o historiador Mario Escobar explora a figura de Prevost, a sua visão pastoral e a sua capacidade para liderar uma Igreja fraturada entre tradição e modernidade.

- Conseguirá Leão XIV quebrar silêncios antigos e abrir o debate sobre o papel da mulher, o casamento entre pessoas do mesmo sexo ou os abusos encobertos?
- Será capaz de construir pontes entre culturas e credos num mundo cada vez mais polarizado?

**Um livro obrigatório para compreender  
o presente e o futuro da instituição religiosa  
mais influente do mundo.**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

[penguinlifestylept](https://www.instagram.com/penguinlifestylept)

[penguinlivros](https://twitter.com/penguinlivros)

ISBN: 978-989-589-206-8



9 789895 892068